

PARA SAUDAR UM GRANDE HOMEM¹

Antonio Candido de Mello e Souza²

A partir dos anos 1950, Florestan se empenhou numa realidade dramática: a situação do negro no Brasil. Associado ao nosso mestre Roger Bastide na pesquisa sobre relações raciais promovida pela Unesco, ele se tornou um dos mais importantes conhecedores desse gravíssimo problema social e transitou do passado ao coração mais dramático do presente. O teórico que estava privilegiando cada vez mais a visão marxista se associava ao pesquisador que privilegiava cada vez mais o estudo da situação contemporânea. Estava pronto o terceiro Florestan Fernandes, o da maturidade, a partir dos anos 1960

Arquivo Florestan Fernandes



Cinco décadas de amizade: Florestan e Candido em Marília, em 1986

Em Florestan Fernandes — meu fraternal companheiro e amigo há cinquenta anos — se juntam o estudioso de saber profundo e sólido, o professor rigoroso, o formador de equipes notáveis que abre trilhas novas à investigação, o autor de obras cuja importância é decisiva no campo das ciências sociais, o cidadão empenhado em tarefas essenciais do seu tempo e o militante político consciente do dever de lutar para a transformação das bases desta sociedade iníqua, na qual vivemos ao ritmo de umas desigualdades econômicas mais revoltantes do mundo.

Além disso, é preciso destacar as qualidades humanas que fazem dele um exemplo e lhe permitiram construir uma carreira excepcional a partir das condições mais adversas que se possa imaginar. Homem de luta e homem de ideal, Florestan Fernandes enfrentou desde menino a adversidade, com uma bravura e uma eficiência difíceis de encontrar na biografia dos homens eminentes da cultura. Na base, esteve sempre, sem dúvida, o destemor, a invariável coragem física, moral e mental com que empunhou a vida e abriu o seu caminho. Inclusive demonstrando a rara capacidade de criar o escândalo necessário e salutar, passando por cima do temível respeito humano,

quando se trata de afirmar o que é justo e verdadeiro. Pesando bem as palavras, digo que em Florestan Fernandes estão presentes os traços que caracterizam os grandes homens. Por isso, costumo dizer que ele é, a meu ver, o único de nossa geração a quem cabe com justeza este qualificativo.

Portanto, não é de espantar que tenha feito uma carreira universitária exemplar sob todos os pontos de vista, o que tornou mais odioso o ato que o separou do corpo docente de nossa faculdade. Como estudioso, professor, investigador e autor ele reúne qualidades raramente existentes em conjunto. Dotado de uma poderosa capacidade de atenção e concentração, é notável a maestria com que sempre se atirou aos textos, como leitor privilegiado. Foi assim desde estudante, tanto com relação às obras de sua especialidade, quanto a quaisquer outras, de história, literatura ou política. Daí o cabedal enorme que juntou e sempre explorou de maneira penetrante, graças a uma segunda qualidade: o poder de penetração analítica, que lhe permite chegar ao fundo dos problemas. Em terceiro lugar eu mencionaria o dom de correlacionar, que lhe permitiu efetuar sínteses harmoniosas de teorias e pontos de vista nem sempre afins, mas que ele decantou em combinações originais de raro poder ex-

plicativo. Penso, por exemplo, em pensadores como Marx, Durkheim e Weber, vistos frequentemente no que têm de diferente uns dos outros, mas que ele soube passar pela máquina poderosa, seletiva e ao mesmo tempo integradora da sua inteligência, transformando-os em elementos de uma visão compreensiva.

Sobre esta base, que estou simplificando para poder ressaltar as linhas gerais, Florestan Fernandes foi se inclinando cada vez mais na segunda fase da sua carreira para o marxismo, que sempre versara desde moço e do estudo precoce dos escritos de Marx, inclusive a notável análise que escreveu sobre *Crítica da economia política*. Nesta segunda fase surge um marxista aberto e compreensivo, justamente porque despido de sectarismo teórico e embebido de sugestões oriundas de outras fontes. Como Caio Prado Júnior, mas com maior amplitude de propósitos, ele forjou um instrumento analítico e interpretativo de corte marxista, capaz de abolir qualquer imposição dogmática e de se abrir para as lições da realidade objetivamente observada.

Ao lado dessa rotação teórica, convém assinalar uma rotação paralela no domínio dos temas de investigação. Na fase inicial, Florestan Fernandes se tornou famoso, aqui e no exterior, devido sobretudo aos

trabalhos admiráveis de reconstrução histórica e análise etnológica sobre a organização social dos Tupinambá. Os documentos restantes sobre esses índios de tanta importância na história do Brasil eram conhecidos e explorados, mas considerados insuficientes para se conhecer a sua organização. Daí os numerosos estudos parciais sobre aspectos de sua cultura, como os de Métraux. É que faltava, aos estudiosos brasileiros e estrangeiros, a força analítica e a imaginação sociológica com que ele operou uma verdadeira quadratura do círculo, produzindo aos 27 anos o livro inovador e cientificamente revolucionário, cujo título era para os especialistas uma verdadeira provocação intelectual: *A organização social dos Tupinambá*. A estes dedicou outra obra fundamental sobre a função social da guerra e tirou-se consequências teóricas num terceiro trabalho, explorando a fundo as possibilidades proporcionadas pelo funcionalismo no estudo das fontes.

Simplificando, eu diria que a partir dali, isto é, dos anos de 1950, deu-se a rotação dos temas e Florestan Fernandes se empenhou numa realidade dramática do nosso tempo: a situação do negro no Brasil. Associado ao nosso mestre Roger Bastide na pesquisa sobre relações raciais pro-

movida pela Unesco, ele se tornou um dos mais importantes conhecedores e analistas desse gravíssimo problema social e transitou do passado ao coração mais dramático do presente. Assim, o teórico que estava privilegiando cada vez mais a visão marxista se associava ao pesquisador que privilegiava cada vez mais o estudo da situação contemporânea. Estava portanto pronto o terceiro Florestan Fernandes, o da maturidade, a partir dos anos de 1960. Este foi, por exemplo, o da luta pela escola pública, em cuja defesa percorreu o país numa campanha memorável; foi o dos pronunciamentos de corte socialista, que levaram a Ditadura a submetê-lo, em 1964, ao inquérito policial-militar e, ante a sua firme reação de inconformismo e destemor, a detê-lo num quartel do Exército. O desfecho veio em 1969: a aposentadoria punitiva, que o obrigou a viver alguns anos no exterior.

Na fase mais recente de sua carreira, Florestan Fernandes acentuou a disposição de assumir no âmbito mais largo da sociedade posições regidas pelos pressupostos socialistas, aplicando-se a temas de relevo político na ação e na produção, como é o caso do estudo magistral sobre a República de Cuba ou as análises da realidade política brasileira. Eu

costumava dizer que, sem pertencer a nenhum partido, ele se tornou com o tempo uma espécie de partido individual, pois as suas palavras e as suas ações valiam pelas de uma agremiação aguerrida e consciente. Sob este aspecto, é preciso dizer que a atitude política foi sempre um baixo contínuo na sua vida de lutador no campo da educação e da cultura. Mas finalmente ele decidiu adotar um enquadramento partidário e entrou para o Partido dos Trabalhadores, do qual tem sido um dos militantes mais capazes e fecundos, eleito e reeleito deputado federal. Não me cabe assumir a tarefa de outros, falando da sua atuação no Congresso Nacional. Cabe-me apenas dizer que como deputado socialista Florestan Fernandes efetuou um movimento culminante na sua luta, inclusive porque se tornou simultaneamente um dos jornalistas políticos mais eficientes e penetrantes que temos tido, forjando um instrumento ajustado ao combate pela imprensa e se tornando, junto a públicos vastos, intérprete do que se poderia chamar de pensamento socialista quotidiano. Da sala de aula ao grande público, ele modulou em escala cada vez mais ampla a sua atuação de analista da sociedade e de combatente do socialismo.

Notas

- 1 Discurso publicado na edição número 4 da *Revista Adusp*, lançada em outubro de 1995 e organizada em homenagem a Florestan Fernandes, que falecera em 10 de agosto daquele ano. Como o próprio Antonio Candido explica no prólogo, foi escrito especialmente para uma homenagem da USP a Florestan, realizada em junho de 1994, e lido na ocasião.
- 2 Quando da publicação deste texto, o autor já se aposentara como professor titular de teoria literária e literatura comparada da FFLCH. No entanto, permaneceu ativo na academia e como militante político quase até sua morte, aos 99 anos, em 12 de maio de 2017. Ele colaborou diversas vezes com iniciativas da *Adusp* e de outras entidades representativas.